

## A Filosofia no contexto da educação

### RESUMO

A Filosofia é o que fundamenta e interpreta a educação, pois dispõe de reflexões com relação ao educando, ao educador e ao sistema educacional em sua totalidade.

Os filósofos educacionais frisam que é um alicerce para o estado de potência que é a Educação.

Entre eles está Paulo Freire que explicita sua forma de ensino baseado na reflexão crítica da prática pedagógica, a Filosofia da Educação é a maneira como se alterna a dimensão educativa na sua totalidade. Porém, o que habita o estudo feito entre os sujeitos são as características marcantes pela ação comunicativa que deve ser alimentado pela questão do conhecimento.

Freire afirma que, somente por meio do diálogo e uma comunicação ativa, que devemos escutar as pessoas, para cultivar a relação social entre professor x aluno baseada na autonomia do conhecimento, frisa que os homens precisam de liberdade para sair da caverna que os prendem ao mundo, e com isso provocar o processo de libertação definitiva do cárcere do opressor.

Na relação entre professor x aluno é de suma importância que ambos exponham seu ponto de vista.

O aprendiz traz consigo conhecimentos prévios, conhecimento de mundo e experiências próprias que devem ser respeitadas e analisadas pelo educador.

Esses conhecimentos servem de base e respaldo para que o mesmo saiba por onde iniciar o processo ensino/aprendizagem que atenda as especificidades dos aprendizes em geral.

Os profissionais da educação ao iniciarem a práxi pedagógica, devem analisar a clientela para saberem para quem e por onde iniciar o processo.

A Filosofia consiste também em, questionar, analisar e discutir sobre diferentes assuntos condizentes à educação por ser bastante abrangente.

Se pretendemos formar cidadãos autônomos devemos propiciar recursos suficientes que promovam essa autonomia.

O aprendiz é um ser em formação, cabendo ao educador motivá-lo para que desperte no mesmo o interesse em participar das atividades pedagógicas como também manter-se numa instituição escolar objetivando alcançar avanços significativos que os levem a conclusão de pelo menos um curso de nível técnico, ou mesmo o segundo grau evitando assim os altos índices de evasão e/ou defasagem idade série.

Palavras- Chave: FILOSOFIA, EDUCAÇÃO, REALIDADE, APRENDIZADO, AUTONOMIA

## ABSTRACT

The Philosophy interpretes and supports the Education, since has reflections over the educated, the educator and the educational system itself.

The educational philosophers argue that the Philosophy is a foundation to the potential state that Education is.

Among those is Paulo Freire whom explains his teaching methods based in the pedagogical criticism reflection. The Educational Philosophy is the way to alternate the educational dimension in its hole. Nevertheless what inhabits the study produced among the subjects are its outstanding characteristics in the communicative action that must be fulfilled by knowledge.

Freire postulates that only through dialogue and an active communication should one listen to people, in the purpose to cultivate social relations based in knowledge autonomy between the educator and the educated. Freire also highlights that Man need freedom to get out of the cave that imprisons them from the world and with that provokes the definitive freedom process from the oppressor.

In the relationship between educator and educated is extremely vital that both express its own point of view.

The apprentice brings preview knowledge from the world and from himself that must be respected and analyzed by the educator.

Those knowledges are the base so that educator knows where to begin with the teaching process according to the specificities of the apprentices in general.

When the education professional start the pedagogical praxis they must analyze the subjects so they know to whom and when begin the process.

The Philosophy is also about questioning, analyzing and arguing about all types of themes supported by Education, since it's a very wide area.

If the objective is to produce independent citizens it's necessary to propitiate enough resources that promote this independence.

The apprentice is a being in formation. It belongs to the educator the duty to motivate the educated and to awake in the apprentice the eager to participate in the pedagogical activities as well as keep them regularly in an educational institution. The purpose is to reach significant progress that takes the apprentices to the conclusion of at least a technical course, or secondary school, avoiding high levels of evasion or serious overage.

Key words: PHILOSOPHY, EDUCATION, REALITY, TEACHING, AUTONOMY.

## INTRODUÇÃO

A Filosofia é uma das formas de conhecimento e guarda especificidades em relação às demais disciplinas, ou seja, às Ciências, à Arte, à Religião, ao senso comum. Ela tem história e uma tradição que é tão ou mais antiga que as Ciências, e no entanto, por um certo período, no Brasil, não foi considerada um saber como os outros necessários que devesse juntamente com as Ciências compor um currículo que realmente garantisse a leitura e a compreensão do mundo.

Todo ser humano vive em sociedade. Assim pode-se dizer que todo homem é um ser social. O homem não é apenas um conjunto de componentes físicos e orgânicos, ele é também um ser que pensa, sente, relaciona-se com outros homens, modifica a natureza à sua volta e cria coisas novas. Para atuar no mundo em que vive, o homem precisa passar por um aprendizado que lhe permita ter um comportamento adequado à convivência com outros seres iguais a ele. O homem eventualmente criado longe do convívio social é incapaz de se humanizar, deixando apenas aflorar suas características instintivas, assemelhando aos animais.

Mas o que diferencia o homem dos animais? O homem é o único animal que não age apenas por instinto, porque ele passa por um processo de aprendizado, de socialização e porque precisa da linguagem para se comunicar com os seus semelhantes. A socialização é, então, um processo que dá o caráter humano ao homem, diferenciando-o do animal. A educação (formal e informal) é fundamental para a socialização do ser humano. Quando socializado, o ser humano age socialmente, ou seja, suas ações, seus sentimentos e pensamentos estão diretamente ligados a outros seres humanos: é na convivência (boa ou ruim) com outro que ele aprende a ser homem. A socialização é então, esse aprendizado. É pela socialização que o ser humano aprende a cultura de sua época, de seu lugar.

Sendo a escola, o ambiente onde a Educação se dá de maneira formal, espera-se que a família se encarregue em desenvolver a noção de valores, normas, regras e

limites.

A Educação que inicia na família, tem uma continuidade na instituição escolar no que tange a sua formalidade, a qual é estabelecida pela legislação objetivando a formação do cidadão.

Para que haja um bom entrosamento entre família e escola, é imprescindível que se estabeleça parceria.

Através da parceria, a equipe pedagógica obtém conhecimento da origem familiar da clientela assistida, e a partir desses dados possa planejar e inclusive montar seu Projeto Político Pedagógico de acordo com a realidade que permeia a instituição.

O P.P.P., segundo a L.D.B. deve ser construído com a participação de toda a comunidade escolar e seus segmentos.

Ele deve ser o guia de todas as ações a serem desenvolvidas numa instituição porque deve representar a realidade e os anseios da comunidade a qual a escola está inserida.

## DESENVOLVIMENTO

Um dos modos mais simples e menos polêmicos de se caracterizar a filosofia é através de sua história: forma de pensamento que nasce na Grécia antiga, por volta do séc. VI a.C. De fato, podemos considerar tal caracterização praticamente como uma unanimidade, o que costuma ser raro entre os historiadores da filosofia e os especialistas na área. Aristóteles, talvez tenha sido o ponto de partida dessa concepção, chegando mesmo a definir Tales de Mileto como o primeiro filósofo.

Se afirmarmos que o conhecimento científico, cuja tradição somos herdeiros, surge na Grécia por volta do séc. VI a.C., nosso primeiro passo deverá ser procurar entender por que se considera que esse novo tipo de pensamento aparece aí pela primeira vez e o que significa essa ciência cujo surgimento coincide com a emergência do pensamento filosófico.

Quando dizemos que o pensamento filosófico-científico surge na Grécia, caracterizando-o como uma forma específica de o homem tentar entender o mundo que o cerca, isto quer dizer que anteriormente não houvesse também outras formas de se entender essa realidade.

Nos tempos da atualidade estamos vivendo sob um mundo de franca transformação. Para onde se caminha? Para quais rumos tomar? Se nossa sociedade está com todos seus aspectos turbulentos e isso nos faz repensar sobre nosso caminhar, precisando reavaliar e procurar pensadores, estudiosos para acertar o pensar e remetermos a Gramsci, referido por Gadotti (1988, p.86): “vivemos um momento histórico no qual o bloco hegemônico dominante entra em crise, frente à ameaça de um bloco histórico”.

No momento da história em que se necessita se repensar para tomar o rumo mais preciso, professores e profissionais da educação não podem se tornar meros reprodutores de suas funções, tendo uma postura de profissionais humanizados, agentes transformadores do social e do político, tomando posições valorativas de

compromisso e engajamento com o favorecimento do crescimento do processo educativo. Nesse viés, os profissionais da educação, serão atores da formação de pessoas conscientes de seu papel transformador da sociedade.

O processo vem de longos anos. No início, os pensadores dos tempos Pré-socráticos (Sócrates, Platão, Aristóteles e Sofistas) já investiam na formação do homem político, do homem cientista e do homem historiador, do conhecimento do homem para um mundo de homens.

O escritor francês Edgar Morin (2001 p.92) escreve assim:

Na história, temos visto com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas, vimos também que o inesperado torna-se possível e se realiza; vimos com frequência que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável”.

Daí a importância do profissional da educação se posicionar para puxar os acontecimentos a favor das nossas convicções, do que acreditamos ser o melhor para uma sociedade, muitas vezes omissa.

Por que ir até a filosofia se o processo é educativo? A teoria pedagógica sempre teve em seus fundamentos norteados por um processo filosófico. A filosofia que buscou expressar e conceituar o homem de seu mundo é o homem no mundo. Dando vigor à pedagogia, criando seus objetivos, escrevendo seus métodos de trabalho, proporcionando um pensar educativo humanizado. Entende-se que nenhum processo educativo é neutro, pois como tomamos partido em nossa vida, levamos que somos nós, de como vivemos para o outro. O outro que está em formação, o outro que começa a caminhar. Não deixamos de ser quem somos, quando nos propomos a trabalhar. Pois a nossa identidade pessoal ultrapassa nossa identidade profissional. Então, não deixamos de ser quem somos. Agregamos nossas conquistas pessoais ao social. Levamos para nosso trabalho todo nosso arcabouço teórico, construído pela vida pessoal, pela nossa vida

estudantil, nosso caminhar. Com isso a Filosofia está sempre norteando nossa vida. Mas, questionamentos existem para ser divididos, pensados e elaborados por profissionais da educação.

Gadotti (2000, p.6) diz a respeito sobre as perspectivas atuais da educação:

“No começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica; de outro as nossas matrizes teóricas não apresentam ainda consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros nessa época de profundas mudanças e rápidas transformações.”

Baseado no pensamento, chegamos a uma questão de relevância fundamental no processo educativo. Quem educa quem? Qual o papel do aluno que está em formação tem de importante? Antes de pensarmos sobre as questões, daremos um salto atrás na história para pensarmos no processo educativo.

Partindo da verdade que a educação sempre existiu. Mesmo numa época em que não havia escolas. Entre os povos bárbaros, a educação não era sistematizada e possuíam processos educativos. Mas era uma educação sob influência da religião que viviam. Promoviam valores de conteúdo moral, social, político e religioso. Mesmo antes de existir a escrita. Na educação grega, investiam em economia, cultura e religião. Na educação ateniense, procuravam a formação integral, no preparo físico, psicológico e cultural. A educação espartana as atividades eram voltadas para a formação de militares. Soldados fortes e valentes. Na educação romana, centravam direitos e deveres. No ano 250 a 50 a.C. houve o surgimento das escolas gregas. Na era medieval houve muitas invasões dos bárbaros, a cultura greco-romana não ruiu pela igreja Cristã ter a protegido. Com isso surgem os primeiros padres na educação. Que passou a educação a ser pautada na religião, na moral, no amor ao próximo e na caridade. As escolas existentes desapareceram passou para dentro dos mosteiros. A educação passa a ser dominada pela igreja.

Importantes transformações marcam a idade moderna. Aproximadamente no século XVI, alguns líderes religiosos se colocam frente ao domínio papal na educação e surge a influência do calvinismo e luteranos. A educação fica dividida entre católicos e protestantes. Da idade moderna para a contemporânea é acometida por algumas revoluções que marcam com profundas mudanças na política, economia e no social.

Podemos ver nos recortes da história o aluno pouco podia interferir no processo da sua aprendizagem. Mas muito se modificou e hoje a educação é um instrumento onde se constrói uma sociedade justa. A educação é uma construção para o social/sociedade.

A ideia da escola nova, apregoada por John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo americano, influenciou pensadores brasileiros. Foi uma influência também para a Europa, América e Brasil, no século XX. “O escolanovismo acredita que a educação é o exclusivo no elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade.” (Hamze, 2008).

Dewey acreditava que a educação dava-se pela ação e não pela instrução. Se a educação reconstrói a experiência de cada um ela favorece a resolução dos problemas. Então, não só existiria um fim para o processo educativo que se confundiria com o processo de viver. Diferente do início dos tempos passados onde o aluno era apenas um depositário do conhecimento. O aluno passou a ser agente ativo do processo de seu aprendizado. Onde passou a ser o autor de sua experiência. O método foi levado até às crianças com necessidades especiais pela médica Maria Montessori (1870-1952), que trouxe benefícios para as crianças normais. Jean Piaget (1896-1980) pensou num processo educativo que ensina a pensar e não a copiar. Investiu seus estudos no processo de desenvolvimento da inteligência. E acrescentou a importância do professor de respeitar as leis e as etapas do desenvolvimento da criança. O brasileiro Paulo Freire (1921-1997)

entendeu que a educação deve ser libertadora. O papel do educador é de intervir, mostrar um caminho e não se omitir.

E a educação tem um conceito próprio? Para Kant (1724-1804), busca na educação fundamentos do que seja o homem e sua tarefa no mundo. Acredita ser uma árdua tarefa para o homem e vê duas questões impossíveis de obter: “a arte de governar os homens e a arte de educá-los.” (Rosa, 2010). Mas, ao fim do processo o homem só se torna humano pela educação.

Pensando no conceito, educação “é uma prática, uma ação, não é possível compreendê-la como algo estável. A educação é uma ação social em vista de um fim. É também uma teorização e de reflexão. Envolve consciência de um conhecimento e de uma ação.” (Guedes, 2009).

A educação é um processo ativo, vivo. Pois envolve sujeito, meios e um fim. No sujeito estão implícitas suas circunstâncias psicológicas, sociais e culturais. Nos meios estão os métodos e os recursos. No fim estão o ideal, valores e objetivos. (Guedes,2009).

Segundo o educador Mate (2011), define educação como: “é uma categoria do ensino em que o aluno desenvolve qualidades de consciência, caráter de convicção, atitudes e comportamento. Ensino é uma forma de orientar a aquisição de conhecimentos de outrem, que se revela na mudança de comportamento. Aprendizagem é uma atividade em que o aluno adquire conhecimentos teóricos e práticos que vão se resolver na mudança de comportamento.”

Mate (2011) continua sua colocação fazendo um jogo de palavras em forma de perguntas instigantes, fazendo o aluno a refletir sobre as propostas. As questões apresentadas pelo autor são:

- 1 “Pode haver ensino sem aprendizagem?”
- 2 “Pode haver aprendizagem sem ensino?”
- 3 “Pode haver educação sem aprendizagem?”

- 4 “Pode haver aprendizagem sem educação?”
- 5 “Pode haver ensino sem educação?”
- 6 “Pode haver educação sem ensino?”
- 7 “Um indivíduo pode ser muito bem instruído, mas muito mal educado?”

Pensando sobre as perguntas instigantes do educador Mate (2011), vamos tentar respondê-las dentro do conceito de educação/ensino/aprendizagem.

Não existe ensino sem aprendizagem. Educando e educador estão em um processo de troca permanente. O processo ensino-aprendizagem é vivo e constante. Ele promove o diálogo entre currículos e conteúdos.

Mas ao contrário da formulação anterior, pode haver aprendizagem sem ensino. A motivação natural para aprender, já produz uma resposta positiva. O ato de imitar um gesto, imitar uma ação, um movimento já está acontecendo uma aprendizagem sem que o educador tivesse ensinado ou estivesse presente.

Na formulação, pode haver educação sem aprendizagem? A resposta é não. Porque no ato de educar é necessário que exista o ensino. No ato de educar é necessário que haja aprendizagem de algo que tenha relação com o objeto da educação. Para alguém ser educado precisa do aprendizado.

Na pergunta pode haver aprendizagem sem educação? Sim, porque para haver a educação não necessita de necessariamente de haver ensino.

Pode haver ensino sem educação? A pessoa pode naturalmente ser motivada a aprender sem que haja um educador. A própria natureza curiosa e investigativa da pessoa produz uma resposta favorável à educação.

Na sexta formulação, pode haver educação sem ensino? Não, porque para haver educação necessita obrigatoriamente que algo seja aprendido. Uma resposta deverá acontecer como produto educativo.

Na última questão colocada pelo educador, um indivíduo pode ser bem instruído, mas muito mal educado? Sim, acontece quando a pessoa tem uma formação acadêmica relevante, mas enquanto pessoa não tem uma postura humanizada. Uma postura aberta para o crescimento pessoal. Paulo Freire, diz: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.”

Dessa maneira, independente de seu campo de conhecimento específico, a totalidade do saber humano acumulado e continuamente produzido deverá ser por ele dominada, ainda que de modo referencial. Não por acaso, o professor tem que assumir como seu lema o dístico de Terêncio, segundo o qual nada que é humano me é estranho (cf. Teixeira, 2000, p. 173). Há, então, um curioso paralelismo entre a propositura de Anísio Teixeira e aquela de Platão, o qual é tão duramente criticado por ele. Ambos partem do diagnóstico de uma grave crise, de um descompasso entre as exigências da vida social boa e a preparação dos indivíduos frente a estas. Para um e outro, a educação tem papel e potencial claros no confronto e no encaminhamento das soluções. A falta de uma medida social, um parâmetro para as ações, agora demandadas pelo viver em comum, é a causa do dilaceramento social para ambos. De certa forma, embates análogos, não idênticos, que levarão cada autor a trilhar as mesmas sendas, mas em direções opostas. O pensador da Academia, após a argumentação levada a efeito em *A república*, chega à conclusão de que o filósofo, por ter a visada do inteligível e, em razão disso, deter a sabedoria do bem supremo, deve se tornar rei. Na reflexão do educador brasileiro, o qual tem também para o pedagógico um fim político, o professor, que rege o processo educativo, deve possuir, “ao lado da informação e da técnica, (...) uma clara filosofia da vida humana, e uma visão delicada e aguda da natureza do homem” (TEIXEIRA, 2000, p. 173); deve tornar-se, por isso, filósofo. Referências bibliográficas Sabina Maura Silva Verinotio revista on-line – n. 13, Ano VII, abr./2011, ISSN 1981-061X TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação. Entendo que apesar dos desvios e tropeços pelos quais passou na história da cultura ocidental, a filosofia, enquanto filosofia da educação, sempre procurou efetivar essa contribuição, na medida em

que sempre se propôs como esforço de exploração e de busca dos fundamentos. Mesmo quando acreditou tê-los encontrados nas essências idealizadas ou nas regularidades da natureza! E ela poderá continuar contribuindo se entender que esses fundamentos têm a ver com o sentido do existir do homem em sua totalidade trançada na realidade histórico-social.

## CONCLUSÃO

A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação, dever da família e do Estado, baseada nos princípios de liberdade e nas ideias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Entendo que apesar dos desvios e tropeços pelos quais passou na história da cultura ocidental, a filosofia, enquanto filosofia da educação, sempre procurou efetivar essa contribuição, na medida em que sempre se propôs como esforço de exploração e de busca dos fundamentos. Mesmo quando acreditou tê-los encontrados nas essências idealizadas ou nas regularidades da natureza! E ela poderá continuar contribuindo se entender que esses fundamentos têm a ver com o sentido do existir do homem em sua totalidade trançada na realidade histórico-social.

A Filosofia nos faz pensar no processo de socialização. Foi possível relacionar o tema a um ponto-chave: entender que a sociedade se forma e se organiza em todas as instâncias e que o processo de socialização é a internalização de regras e condutas sociais, para que possamos reproduzir “naturalmente” aquilo que é social e histórico. O pensamento de Pierre Bourdieu e Foucault são dois grandes

pensadores contemporâneos que é de suma importância para refletirmos sobre os processos de socialização, principalmente na sociedade contemporânea, marcada por inúmeras transformações. Bourdieu nos ajuda quando fala nos conceitos de habitus e campo. Foucault com a sua reflexão sobre o sujeito e o saber poder. Embasados nesses dois autores vê-se, como a educação escolar é o veículo fundamental da socialização. De um lado, instância reprodutora das desigualdades, de outro, espaço caracterizado pela disciplinarização e normalização.

Vivemos em um mundo pragmático, voltado para as coisas práticas, para a eficácia e as soluções imediatistas. Por isso, com suas indagações intermináveis, nem sempre se compreende por que a filosofia é importante. Contudo, ela é necessária. E, se desejamos desenvolver nossa humanidade e a das novas gerações, pela educação, ela é um tipo de reflexão inevitável.

A intenção é refletir sobre caminhos possíveis pelos quais os futuros educadores possam filosofar sobre a educação.

O engajamento dos profissionais da educação nas instituições representativas de classes é importante não só para a discussão de problemas de cotidiano, como também para a reivindicação coletiva de melhor qualidade da educação e de salários mais justos.

O caminho percorrido até aqui foi suficiente para concluirmos que a escola não é uma ilha separada do contexto histórico em que se insere. Ao contrário, ela está comprometida de forma irreversível com o ambiente social, econômico e político. Diante das divergências políticas e econômicas, cabe à escola tornar-se o lugar do diálogo que permita compreendê-las a partir dos princípios que as fundamentam.

A Filosofia surgiu para colocarmos diante da realidade, referência a diversas situações, que pudéssemos lançar questionamentos, indagações e reflexões sobre os acontecimentos a partir de certas posições teóricas. As reflexões nos permitem ir além da pura aparência dos fenômenos, em busca de suas origens e de sua contextualização em um horizonte amplo.

A contextualização torna-se abrangente porque envolve os valores sociais, históricos, econômicos, políticos, éticos e estéticos. Por essa razão, ela pode se voltar para qualquer objeto.

A Filosofia é um jogo irreverente que parte do que existe, critica, coloca em dúvida, faz perguntas importunas, abre a porta das possibilidades, faz entrever outros mundos de compreender a vida.

Ela não é conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si. Muito pelo contrário, ela nos induz a buscar respostas sobre a realidade que permeia nosso universo.

A Filosofia incomoda porque questiona o modo de ser das pessoas, das culturas e do mundo.

Não há área que ela não se meta. Quando se trata especificamente de educação, a Filosofia nos revela diferentes concepções de um mesmo fato, justamente porque pertencemos a um mundo que está sempre em mutações e devemos acompanhar essas mudanças através de estudos e pesquisas constantes.

Como Educadores temos que desenvolver nos aprendizes a prática da pesquisa para que se mantenham atualizados e informados sobre as mudanças e seus porquês.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M.L.de A. **História da educação e da pedagogia**. Geral e do Brasil.3.ed.São Paulo: Moderna,2006.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**: Lisboa. Editora Livros do Brasil.

BOAS, Franz. "Os princípios da classificação etnológica" In: STOCKING, George (org). **A formação da antropologia americana**, 1883-1911: antologia. Rio de Janeiro: Contraponto e Editora UFRJ, 2004.

CANESQUI, Ana Maria. A dietética popular (comida de pobre; comida de rico). In:

FLEURY, Sonia; BAHIA, Ligia e AMARANTE, Paulo (orgs). **Saúde em debate:** fundamentos da reforma sanitária. Rio de Janeiro: Francisco Alves: Cebes, 2007.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto In: **A sociedade contra o Estado.** Pesquisas de Antropologia Política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando:** uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

ERIKSEN, THOMAS H. e NIELSEN, Finn S. **História da Antropologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

EVANS-PRITCHARD, Edward. “Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo” In: **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HAMZE, Amélia. Escola Nova e o movimento de renovação do ensino. Disponível na internet: [HTTP://educador.brasilecola.com](http://educador.brasilecola.com), acesso em 16/03/2015.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da práxis, 2ª Ed., São Paulo, Cortez, 1998.

GHIRALDELLI, Jr.Paulo. Historia da educação, 2ªed., São Paulo, Cortez,1998.

GUEDES, Edson C. Educação, o que é? Disponível na internet: [pt.slideshare.net](http://pt.slideshare.net),2009, acesso em 16/03/2015.

LIENHARD, Godfrey. **Antropologia Social.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965

MATE, Paulo A. o processo de ensino-aprendizagem/ disponível na internet: PT. [Slideshare.net](http://Slideshare.net), 2011, acesso em 16-03-2015..

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro, 3ªed., São Paulo, Cortez, 2001.

NISSENO, Zilda. História da educação/ disponível na internet: PT. [slidshare.net](http://slidshare.net),2011, acesso em 16/03/2015.

PT. [slidshare.net/pedagogia/filosofia-e-educacao](http://slidshare.net/pedagogia/filosofia-e-educacao), 2013. Disponível na internet,

acesso em 16/03/2015.

ROSA, Sanny S. da. Construtivismo e mudança, São Paulo, Cortez.

RUIZ, Maria José Ferreira. O papel social do professor; Uma contribuição da educação e do pensamento freiriano à formação do professor. Revista Sberoamericana nº33, 2003.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003